

“BAGUNÇA INFORMACIONAL” NA WEB: FOLKSONOMIA COMO ALTERNATIVA AOS MÉTODOS TRADICIONAIS DE ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO*

Vânia Lúcia Coelho- Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH/UFSCar

RESUMO: A Ciência da Informação caracteriza-se por se preocupar não com o documento em si, mas com a informação nele contida. Foi diante desta peculiaridade que o processo de indexação tornou-se essencial, possibilitando, por meio de técnicas e instrumentos próprios, o controle do vocabulário das palavras que poderiam ou não descrever e resumir o conteúdo de um documento. Anos mais tarde, entretanto, com a criação da segunda geração da web, colaborativa, permitiu-se que leitores se tornassem também produtores de conteúdo nos mais diversos meios, em especial nas redes sociais. Os tesouros e vocabulários controlados já não poderiam abarcar as necessidades de gerenciamento dos milhares de bytes de informação criados diariamente e a folksonomia surge como o meio mais dinâmico, democrático e plural de organizar e recuperar informações por meio da livre inserção de palavras-chave. O presente trabalho busca analisar de que forma o método bibliotecário tradicional de organização da informação se viu afetado pela folksonomia e como esta tem se mostrado uma estratégia interessante de organização da informação na web

PALAVRAS-CHAVE: Web 2.0. Folksonomia. Indexação. Biblioteconomia. Redes Sociais.

INTRODUÇÃO

Desde a contagem de animais registrada nas paredes das cavernas por meio de pinturas rupestres, passando pelo surgimento da escrita, pelo registro em fichas em papel até os atuais arquivos em nuvem na web, o ser humano sempre se mostrou preocupado com o registro e organização do que produz para, posteriormente, poder acessar e recuperar o que for necessário.

Por meio de áreas de estudo como a Biblioteconomia, esse ideal de registrar, organizar e recuperar recebe o auxílio de métodos de tratamento da informação como a catalogação, a classificação e a indexação.

Entretanto, indo além dos ambientes tradicionais de acesso à informação, especialmente na internet a partir de sua segunda geração, colaborativa, e com a possibilidade de que o até então usuário passivo passasse a se tornar produtor e compartilhador de informação, o tratamento informacional passou a estar diante de imensas dificuldades: como registrar, organizar e, posteriormente, recuperar o que é produzido pelos navegadores desse “mar” de informação da web? Que métodos poderiam ser utilizados num ambiente tão dinâmico, plural, composto por milhões de produtores informacionais e por, quem sabe, bilhões de bytes de conteúdos produzidos diariamente?

*XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online - junho/2015 - <http://evidosol.textolivre.org>

Foi nesse sentido que a Folksonomia, um novo tipo de “classificação social” voltada para o ambiente virtual, passou a ser vista como alternativa para esta “bagunça” informacional. Por meio de tags, ou palavras-chave, os próprios usuários podem descrever e organizar o conteúdo que produzem, levando outros usuários a chegarem até o assunto de interesse, democratizando ainda mais o acesso à informação.

Indexação

A revolução técnica e científica que, inicialmente, determinou o iminente nascimento de uma ciência que contribuisse com os aparatos necessários para recuperar informações em meio ao que Bush chamou de “explosão informacional” foi também a responsável por alterar de maneira irreversível o modo como até então se tratava, organizava e recuperava informações e conhecimento em serviços de informação como as bibliotecas. (FUJITA, 2009). Neste sentido, a indexação surgiu como um meio de tratamento temático de publicações, que vinham aumentando exponencialmente e demandavam uma análise, uma síntese e uma representação de seus conteúdos. (SILVA; FUJITA, 2004)

Como todo e qualquer processo, a indexação possui não apenas um conjunto de definições, como também um “passo a passo” que a transformou em um método muitas vezes rigorosamente seguido por profissionais da informação no momento de representar, por meio de termos controlados, o conteúdo das mais variadas tipologias documentais para posterior recuperação.

Kobashi (1994), citada por Lucas (1996), afirma que quando o processo de indexação é realizado sem a presença de um esquema que crie parâmetros de coleta de dados textuais, ela corre o risco de apresentar falhas, resultando em produtos que não contenham os critérios necessários para possibilitar a efetiva recuperação da informação por parte dos usuários. Vem daí, então, a necessidade de que os profissionais da informação utilizem métodos e estratégias de leitura durante as etapas do processo de indexação. Tudo isso é feito para que, posteriormente, o conteúdo seja recuperado pelos usuários da unidade de informação.

Os tesouros são os instrumentos que auxiliam os bibliotecários no momento de escolha dos termos que poderão ou não descrever o conteúdo de determinado documento. Os termos selecionados para o tesouro são baseados em conceitos (não se escolhe uma palavra aleatória do documento para usar como termo). Estes termos são também chamados de descritores e há uma relação entre o termo geral, de maior abrangência, com os termos mais específicos, que representam conceitos menores. (Tristão; Fachin; Alarcon, 2004).

Apesar de saber que as escolhas dos termos de um tesouro também são fundamentadas naquilo que os usuários usam no seu dia-a-dia, muitas vezes os termos da linguagem natural dos que buscam informação não estão presentes nos instrumentos de organização e recuperação de informação, prejudicando, assim, a busca pelos mais leigos em determinados assuntos. A web, por exemplo, e mais especificamente sua segunda versão, trouxe à tona muitos questionamentos sobre a melhor maneira de se representar o conhecimento, dada a possibilidade de “qualquer um” produzir conteúdo em seu ambiente colaborativo.

“Faça você mesmo”: a segunda geração da Web

“Os consumidores de informação passaram a ser produtores de conteúdo através das mídias digitais. Estas, com a passagem do meio analógico para o digital, facilitaram a difusão da informação e a produção por meio de softwares.” (Manovich, 2001).

O surgimento da Web 2.0, ou Web Colaborativa, pode até nos parecer democrático visto da perspectiva da “massificação” das formas como a busca pela informação deve ser feita pelos leitores. Porém, tanto nas fontes tradicionais, como bibliotecas e centros de informação e documentação, quanto nas fontes eletrônicas de informação, como os sites de busca e as redes sociais, apenas os leitores devidamente “educados” e familiarizados com o funcionamento das linguagens utilizadas conseguirão encontrar o que procuram. Mais do que isso, apenas estes leitores “atingirão o alvo” de forma independente, fazendo o uso das “palavras certas”, aquelas que tiveram seu uso controlado e não estão expostas às dualidades de interpretação.

Em outras palavras, devemos nos perguntar se a ausência de “multisignificações” no vocabulário utilizado para organizar o conhecimento como um todo contribuem mesmo para uma efetiva e, o mais importante, uma democrática recuperação da Informação. Além disso, deve-se pensar em outras possíveis “estratégias” que possam abarcar a necessidade de organizar e recuperar dados juntamente às pluralidades contidas na linguagem de cada usuário que faz sua busca, afinal, a internet não é uma “biblioteca gigantesca” e, diante disso, torna inviável a alocação de tesouros e vocabulários controlados em todo o seu âmbito de acesso

. Quem sabe uma “indexação social”, a Folksonomia não possa cumprir esse papel?

Indexação livre, social e colaborativa: a Folksonomia

Tags, hashtags ou simplesmente palavras-chave. Basta estar inserido em uma única rede social na internet para estar em constante contato com estes termos, e mais, usá-los para representar os conteúdos produzidos na web. Muito parecido com o processo de indexação praticado pelos profissionais bibliotecários, a alocação de palavras-chave na web passou a ser chamada por diversos autores como “indexação social”, dado o caráter popular e colaborativo deste ato. No inglês, o nome recebido foi o de Folksonomy ou Folksonomia.

A Folksonomia, pela sua dinamicidade, pluralidade e democratização do processo de organização da informação, acabou se tornando uma forma colaborativa de representar a informação na web.

Sabe-se que as pessoas têm maneiras extremamente diversificadas de organizar o conteúdo produzido no âmbito da web colaborativa e, assim como os tesouros da área biblioteconômica devem ser periodicamente atualizados, a linguagem da web também se renova constantemente pela linguagem natural dos usuários, constituindo-se com novos jargões, gírias, expressões e modismos que se distanciam, e muito, do vocabulário controlado, rígido, hierarquizado e estruturado que caracteriza as linguagens documentárias ou tesouros (Santana, 2013).

Lendo os escritos de Catarino; Baptista (2007), percebe-se que uma das principais vantagens em se aderir à Folksonomia é o fato de ser um fenômeno

colaborativo, aberto às pluralidades individuais e coletivas que a web oferece como nenhum outro lugar. É difícil imaginar um sistema de organização e recuperação de conteúdos na internet que não englobe as particularidades de seus usuários. Se houvesse, no mínimo não seria um recurso democrático à altura do que este ambiente, a internet, nos é hoje.

Além disso, a Folksonomia não exige burocracia, recursos humanos e financeiros, dentre outras formalizações que os sistemas de organização da informação tradicionais costumam demandar.

Quanto às desvantagens, a total ausência de controle terminológico num ambiente de milhões de bytes de informação como a Web dá a impressão de uma “bagunça generalizada” especialmente se olhada do ponto de vista dos profissionais da informação. Entretanto, é difícil imaginar um sistema que consiga um dia balancear, de um lado, a multidiversidade da web e, de outro, o controle terminológico da informação. Haverá que se criar atalhos que deem conta de respeitar a diversidade nesta empreitada do tratamento ideal dos conteúdos criados colaborativamente na Web. Os profissionais da informação, por sua vez, precisam começar a apurar seu olhar para novas estratégias de organização do conhecimento e, assim, não correrem o risco de se ver engessados pelos métodos tradicionais bibliotecários.

CONCLUSÃO:

Muito do ambiente tradicional de trabalho e pesquisa dos profissionais da informação também está presente na web, como os arquivos, bibliotecas e museus virtuais, o que tem levado a uma adaptação da prática profissional.

Apesar disso, ainda se vê um apego a métodos e padrões tradicionais que não se adaptariam à dinâmica e às pluralidades do ambiente da web 2.0, por exemplo. Por meio de tesouros e vocabulários controlados o bibliotecário não poderia ter a pretensão de tratar e organizar a “bagunça” dos milhares de bytes de informação produzidos diariamente na versão colaborativa da internet.

Para tentar resolver este impasse é que surge a folksonomia. O método colaborativo de representar informações na web 2.0 tem se mostrado o mais democrático e eficaz para tratar o conhecimento produzido pelos até então leitores passivos da primeira versão da web e das unidades de informação tradicionais.

Entretanto, há que se afastar do “mais do mesmo”, do engessamento do tradicionalismo da profissão, para se aproximar do ambiente criativo, dinâmico, heterogêneo e polissêmico da web 2.0. Assim, certamente os profissionais teriam muito a ganhar, principalmente por poderem contribuir de forma efetiva para aquele que talvez seja um dos maiores ideais da área de estudos em informação: a democratização do acesso ao conhecimento.

REFERÊNCIAS:

FUJITA, M. S. L (org). **A indexação de livros: a percepção de catalogadores e usuários de bibliotecas universitárias. Um estudo de observação do contexto sociocognitivo com protocolos verbais.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, M. R; FUJITA, M. S. L. **A prática de indexação: análise da evolução de tendências teóricas e metodológicas.** In: *Transinformação*, Campinas, p.133-161, 2004. Disponível em <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/viewFile/717/697>> . Acesso em 26/03/14

LUCAS, C. R. **Indexação: gesto de leitura do bibliotecário.** Campinas: Instituto de estudos da linguagem da UNICAMP, 1996.

TRISTÃO, A. M. D; FACHIN, G. R. B; ALARCON, O. E. **Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento.** In: *Ci. Inf.*, Brasília, v.33, n. 2, p.161-171, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a17v33n2.pdf>> Acesso em 23/04/14

MANOVICH, L. **The Language of New Media.** Cambridge: MIT, 2001. Disponível em <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7m1GhPKuN3cC&oi=fnd&pg=PP12&dq=the+language+of+the+new+media+manovich&ots=E-rpZrp3fV&sig=DaTBxywLz0uoq_1x2f7EYHD137w#v=onepage&q=the%20language%20of%20the%20new%20media%20manovich&f=false> Acesso em 23/05/14

SANTANA, G. H. C. **A Folksonomia como modelo emergente da representação e organização da informação.** In: *Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf*, Campinas, v. 11, n. 3, p. 72-92. Disponível em <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/580>> Acesso em 25/05/14

CATARINO, M. E; BAPTISTA, A. A. **Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web.** In: *Data Gramma Zero*, v. 8, n. 3, jun/ 2007 Disponível em <http://www.dgz.org.br/jun07/Art_04.htm> Acesso em 25/05/14